

ENTRE PANEIS, FOGÕES E AVENTALS: o ensino de práticas domésticas na Escola Técnica de Curitiba nos anos 1940 e 1950

Ana Caroline de Bassi Padilha*
Marinês Ribeiro dos Santos**

Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o ensino de práticas domésticas no curso de Corte e Costura na Escola Técnica de Curitiba entre as décadas de 1940 e 1950. Neste período, a educação dada às mulheres refletia o consenso social sobre a moral e os bons costumes e baseava-se em aprendizados que valorizavam o saber-fazer doméstico. Na Escola Técnica de Curitiba, o curso industrial ginásial de Corte e Costura era direcionado exclusivamente para meninas e apresentava, como parte do currículo, a prática educativa de Economia Doméstica com o intuito de preparar futuras “donas de casa exemplares”. No que tange à formação de meninas, os conteúdos serão analisados a partir do viés de pedagogias de gênero, visto que a instituição estava interessada em ensinar, legitimar e reforçar concepções tradicionais de feminilidade como os cuidados com o lar e com o conforto, a saúde e o bem-estar da família.

Palavras-chave: Escola Técnica de Curitiba; pedagogias de gênero; economia doméstica; tipos de feminilidade.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre la enseñanza de prácticas domésticas en el curso de Corte y Costura en la Escuela Técnica de Curitiba entre las décadas de 1940 y 1950. En este período la educación ofrecida a las mujeres reflejaba el consenso social sobre la moral y las buenas costumbres y se basaba en aprendizajes que valoraban el saber hacer doméstico. En la Escuela Técnica de Curitiba, el curso industrial de Corte y Costura era dirigido exclusivamente para niñas y presentaba, como parte del currículo, la práctica educativa de Economía Doméstica con el propósito de preparar futuras "amas de casa ejemplares". En lo que se refiere a la formación de niñas, los contenidos serán analizados a partir de pedagogías de género, ya que la institución estaba interesada en enseñar, legitimar y reforzar concepciones tradicionales de feminidad como los cuidados con el hogar y con la comodidad, la salud y el bienestar de la familia.

Palabras clave: Escuela Técnica de Curitiba; pedagogías de género; economía doméstica; tipos de feminidad.

* Doutoranda em Tecnologia e Sociedade na UTFPR, bolsista Capes. Possui graduação em Comunicação Social pela UFPR (2005) e em Tecnologia em Artes Gráficas pela UTFPR (2006), Especialização em Marketing pela FAE (2009) e Mestrado em Tecnologia e Sociedade pela UTFPR (2014).

** Professora na UTFPR desde 1995, integra o Departamento de Desenho Industrial e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Introdução

Este trabalho é resultante de uma pesquisa maior¹ que tem como objetivo refletir sobre o ensino de práticas domésticas no curso de Corte e Costura da Escola Técnica de Curitiba em meados do século XX. O recorte de estudo está centrado na investigação de imagens fotográficas e diários de classe da prática educativa de Economia Doméstica durante as décadas de 1940 e 1950.

A partir de meados dos anos 1940, a sociedade brasileira vivenciou transformações significativas no que diz respeito às relações de gênero e práticas cotidianas, como o acesso à educação formal e profissionalização das mulheres. Contudo, os valores associados ao feminino continuavam, predominantemente, relacionados às atividades no lar no que concerne, especialmente, à realização do trabalho doméstico não remunerado e a dedicação e cuidado da família.

Nesse panorama de transformações, mas também de permanências, a Escola Técnica de Curitiba cria, em 1943, o curso de Corte e Costura com a prática educativa de Economia Doméstica, cujo mote era formar “donas de casa exemplares”. Buscava-se transformar o conjunto de habilidades e conhecimentos relativos aos afazeres domésticos em “saberes escolares”. Pretendemos compreender quais eram os ensinamentos privilegiados nessas aulas e que contribuíam na construção e reforço de tipos de feminilidade tradicionais vigentes.

Este texto está dividido em três partes. Na primeira parte, buscamos contextualizar o período histórico estudado. Num segundo momento, procuramos problematizar a criação do curso de Corte e Costura na Escola Técnica de Curitiba e suas imbricações com a

domesticidade. Ao final, elencamos as principais atividades ensinadas nas aulas de Economia Doméstica, refletindo sobre o que essas práticas significaram na formação de futuras “donas de casa exemplares”, de acordo com os objetivos do curso estudado nas décadas de 1940 e 1950.

A sociedade brasileira entre os anos 1940 e 1950

Ao longo dos anos 1940, a população brasileira vivenciou acontecimentos que engendraram amplas transformações nos setores econômico e cultural, especialmente no que tange às relações de gênero, comportamento e práticas cotidianas. Os processos de industrialização e urbanização se intensificaram ganhando um ritmo acelerado e despertando novas oportunidades de acesso ao consumo, lazer e informação.

O período que compreende as décadas de 1940 e 1950 foi também caracterizado pela redução de algumas desigualdades existentes entre homens e mulheres, como a possibilidade de acesso à educação formal e profissionalizante das mulheres e as oportunidades de emprego remunerado. Carla Bassanezi Pinsky (2012, p. 505) explica que esses fatos colaboraram para “modificar as imagens da mulher, de sua relação com os homens e os significados atribuídos ao feminino”. De acordo com essa autora, as mulheres assalariadas, ao conquistarem direitos trabalhistas como férias e folgas no fim de semana, apresentavam um entendimento mais claro da separação entre trabalho e lazer, além de considerável poder decisório na utilização do orçamento familiar.

Mesmo em meio a tantas mudanças, no entanto, os valores atribuídos ao feminino continuavam preferencialmente relacionados ao ideário das classes médias. Segundo esse modelo, a “mulher ideal” era conhecida e definida a partir da dedicação às ocupações domésticas, do cuidado do marido e dos filhos e das características entendidas, nesse período, como “próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura” (PINSKY, 1997, p. 608). Dessa forma, prevalecia no país o modelo de família nuclear e heterossexual e as relações

¹ Este estudo é um recorte de uma pesquisa de doutorado centrada na investigação das práticas sociais, espaços e artefatos do curso ginásial de Corte e Costura a partir da sua imbricação com domesticidade na Escola Técnica de Curitiba entre as décadas de 1940 e 1960. Nesse período, as meninas que desejassem ingressar nessa instituição não tinham outra opção senão estudar Corte e Costura, visto que esse era o único curso destinado à formação feminina. O curso apresentava como parte do currículo disciplinas que abarcavam a prática educativa de Economia Doméstica, o ensino de Tecnologia e Prática de Costura e Bordado, Artes Industriais e Desenho Técnico. Tais conhecimentos estavam diretamente atrelados com saberes relacionados ao espaço doméstico.

de gênero em que o masculino era referência e dispunha de maior poder. De um modo geral, o marido continuava ocupando o status de “chefe da casa”, sendo que o trabalho remunerado da esposa, se este existisse, era visto como subsidiário ao do marido (MELLO; NOVAIS, 1998).

De acordo com Susan Besse (1999, p. 123), na primeira metade do século XX, considerava-se a educação feminina como fundamental para fomentar a “evolução” e o “progresso” do Brasil. Isto, porque somente mulheres com “educação intelectual, profissional, civil, moral e doméstica” adequada seriam capazes de cuidar, educar e moldar o “caráter dos futuros cidadãos”. Logo, “as escolas procuravam dar às meninas uma educação ‘prática’ que visava, primeiro e acima de tudo, formá-las para a vida doméstica e familiar e, segundo, para ganhar a vida (em ocupação apropriada) se e quando isso se tornasse necessário” (BESSE, 1999, p. 131).

Os meios de comunicação também informavam o que acontecia no cenário brasileiro dos anos 1940 e 1950. Conforme Léa Archanjo (1997), os jornais curitibanos, por exemplo, abordavam regularmente questões relativas às mulheres assalariadas por meio de discussões que incluíam “as vantagens e desvantagens de uma carreira para a mulher, o planejamento para organizar o trabalho doméstico sem perder tempo, os benefícios do trabalho parcial fora de casa ou os prejuízos que podem trazer para a família o afastamento da mulher do lar” (ARCHANJO, 1997, p. 160).

Nesse contexto de mudanças sociais, a escolarização aparece como fundamental para o avanço e modernização do país. Na educação para jovens mulheres, há a preocupação em transformar o “conjunto de habilidades, conhecimentos e atitudes do ‘fazer’ doméstico (ou melhor, do fazer da dona de casa) em ‘saberes escolares’” (LOURO, 1993, p. 50). É sobre esse assunto que trataremos a seguir.

Um curso para mulheres na Escola Técnica de Curitiba

Criada em 1910 pelo então presidente brasileiro Nilo Peçanha, a Escola Técnica de Curitiba era,

inicialmente, uma instituição direcionada para a educação profissional de meninos carentes com o intuito de educar para o trabalho e afastar tais grupos de risco da marginalidade e da transgressão² (QUELUZ, 2002).

Nas primeiras décadas desde a sua formação, a instituição direcionava seus esforços para o ensino e a formação de força de trabalho predominantemente masculina. Na década de 1940, no entanto, a Escola Técnica de Curitiba foi institucionalizada com uma série de decretos conhecidos como “leis orgânicas” que redefiniram o sistema educacional brasileiro. A “Lei orgânica do ensino industrial”, estabelecida em 1942, oferecia o quadro dos cursos do ensino industrial em dois ciclos: o 1º ciclo englobava os cursos industriais ginasiais básicos e o 2º ciclo compreendia os cursos técnicos (MACHADO, 2010).

Uma das principais alterações trazidas pela “Lei Orgânica de 1942” foi a exigência da formação primária para poder candidatar-se ao ensino industrial básico³. Segundo Maria Lúcia Büher Machado (2010), o 1º ciclo englobava as seguintes seções e respectivos cursos na Escola Técnica de Curitiba: 1) seção de Indústria Mecânica, que concentrava o curso de Mecânica de Máquinas; 2) seção de Artes Industriais, que reunia os cursos de Marcenaria, Artes do Couro, Alfaiataria e Corte e Costura; 3) seção de Artes Gráficas, que incluía o curso de Tipografia e Encadernação.

O curso de Corte e Costura foi idealizado no ano de 1943 e estabelecido como o único curso feminino na Escola Técnica de Curitiba. Desse modo, pela primeira vez, a instituição abria espaço para também escolarizar meninas. Contudo, Machado (2010) explica que, embora as alunas tenham sido contempladas na organização do ensino industrial com um espaço de

² Denominada, inicialmente, de Escola de Aprendizes e Artífices do Paraná, a Escola Técnica de Curitiba era voltada para a educação profissional de meninos pobres seguindo a perspectiva das práticas higienizadoras que marcaram o início do século XX, quando um dos caminhos para garantir a adequação das classes ditas menos favorecidas e alcançar a “ordem e progresso” seria a educação para o trabalho (QUELUZ, 2002).

³ Para ingressar no ensino ginasial industrial da Escola Técnica, os/as estudantes deveriam ter a formação primária. Sendo assim, deveriam ter a idade mínima de dez anos e participar do teste de admissão, submetendo-se a provas de capacidade física, aptidão mental, português, matemática e desenho (MACHADO, 2010).

formação, este estava restrito a um saber racionalizado sobre o espaço reservado às mulheres: o espaço doméstico. Entre as disciplinas técnicas obrigatórias estavam o ensino de Desenho Técnico, Tecnologia e Prática de Costura e Bordado, Artes Industriais, além da prática educativa de Economia Doméstica.

Conforme o pesquisador John Rury (1984), que analisa o processo de escolarização das práticas domésticas no início do século XX no contexto estadunidense, o que surge com o nome genérico de “economia doméstica” poderia ser considerado como o equivalente feminino do ensino industrial masculino. Para esse autor, havia a necessidade de explicar que o lar, considerado o espaço “natural” para o aprendizado das práticas domésticas pelas mulheres não continuaria sendo o lugar onde elas “naturalmente” adquiriam os saberes considerados necessários para ser uma “boa dona de casa”. Uma justificativa plausível era que a administração e o cuidado do lar tinham se tornado mais complexos na sociedade moderna:

Novas máquinas e tecnologias haviam sido introduzidas; ser mãe era uma tarefa também diferente na medida em que a mulher trabalhava fora; outros conhecimentos passavam a ser considerados imprescindíveis para a educação da criança (como a psicologia e a puericultura), além da organização do orçamento doméstico e a importância da poupança. Enfim, as consequências econômicas da administração do lar passaram a ter um significado nunca visto (LOURO; MEYER, 1993, p. 49).

Para Guacira Lopes Louro e Dagmar Meyer (1993), os ensinamentos transmitidos às alunas nas práticas educativas de Economia Doméstica não eram exatamente aqueles mesmos saberes domésticos transmitidos de mãe para filha e de geração em geração, mas, isto sim, conhecimentos tácitos transformados em saberes escolares. Esse processo é denominado pelas autoras de “escolarização do doméstico”. Logo, os saberes domésticos até então considerados “naturais” acabam sendo “sofisticados” ao ganharem uma “nova roupagem escolar e acadêmica” com o intuito de serem considerados “aptos” a incorporarem os currículos e programas.

Uma questão importante apontada por Louro e Meyer (1993) sobre a escolarização do doméstico diz respeito

a quem poderia ser considerada autoridade “legítima” para ensinar e transmitir os conhecimentos relacionados ao lar. Isto, porque da mesma forma que a escola passava a ser o espaço reservado e apropriado para este ensino, valorizando-o, também implicava o reconhecimento da incompetência do lar para a sua transmissão e legitimação. Outro ponto abordado pelas autoras refere-se ao caráter profissional versus o amadorismo: nesse embate, a dona de casa, considerada “amadora”, teria de dar lugar à dona de casa “moderna”, capaz de “desempenhar suas funções com racionalidade, eficiência e economia, e, para preparar ou formar essa nova mulher, seria necessária a contribuição de especialistas e professores” (LOURO; MEYER, 1993, p. 50).

A escola, por sua vez, desenvolve o que Louro (1997, p. 383) chama de “movimento ambíguo”, visto que essa instituição:

De um lado, promovia uma espécie de ruptura com o ensino desenvolvido no lar, pois de algum modo se colocava como mais capaz ou com maior legitimidade para ministrar os conhecimentos exigidos para a mulher moderna; de outro, promovia, através de vários meios, sua ligação com a casa, na medida em que cercava a formação docente de referências à maternidade e ao afeto. A escola adquiria, também, o caráter da casa idealizada, ou seja, era apresentada como um espaço afastado dos conflitos e desarmonias do mundo exterior, um local limpo e cuidado.

A partir da reflexão de Louro (1997) sobre o “movimento ambíguo” da escola, podemos considerar que essa instituição visava transmitir os conhecimentos considerados necessários relacionados às práticas no lar e que garantiriam uma qualificação adequada de suas alunas como futuras donas de casa “ideais”. No entanto, vale ressaltar que a casa é constituída também por relações sociais que permeiam diferentes situações, nem sempre pacíficas, vivenciadas e/ou negociadas entre seus membros. Logo, o ambiente escolar não conseguiria simular total e identicamente todas as atividades, vivências e experiências domésticas.

Neste texto, compreendemos as práticas educativas de Economia Doméstica a partir do viés de pedagogias de gênero, visto que a Escola Técnica de Curitiba assumia também caráter normativo ao ensinar, instruir e propor

conhecimentos, saberes e valores divulgando modos “ideais” de ser e viver no âmbito familiar e na sociedade. Conforme Louro (1998) argumenta, os grupos de pertencimento dos indivíduos como a escola, a igreja e o Estado, por exemplo, fazem investimentos ao reiterar determinadas identidades e práticas hegemônicas, disciplinando e condicionando os indivíduos.

Para Tomaz Tadeu da Silva (2004, p. 83), as identidades normativas são constituídas a partir de processos hierarquizados de diferenciação: “normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa”. Essa identidade passa a ser percebida como “natural”, desejável e única, de modo que deixa de ser vista como uma entre outras identidades possíveis para simplesmente ser reconhecida como “a identidade”. Sendo assim, ao buscar formar futuras “donas de casa exemplares”, a instituição também estava interessada em delimitar identidades hegemônicas assumidas como normais e ideais – pautadas em valores da elite – ao ensinar e legitimar concepções tradicionais de feminilidade, ligadas aos cuidados com o lar e com o conforto, a saúde e o bem-estar da família. Nesse processo, a instituição poderia exercer influência e transformar a maneira como as alunas se auto-percebiam e se relacionavam com os membros de suas famílias, bem como com a sociedade.

De acordo com Louro (1998), as identidades de gênero continuamente se constroem e se transformam. Por isso, nas relações sociais, que sempre são atravessadas por diferentes representações, práticas e discursos, “os sujeitos vão se construindo como masculinos e femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e estar no mundo” (LOURO, 1998, p. 28). Na próxima seção, discorreremos sobre alguns aspectos relacionados ao ensino das práticas domésticas trabalhadas na Escola Técnica de Curitiba entre as décadas de 1940 e 1950.

Aprendendo a ser uma “dona de casa exemplar”

O curso técnico ginásial de Corte e Costura, conforme mencionado anteriormente, era direcionado exclusivamente para meninas e oferecia, entre suas práticas educativas, o ensino de Economia Doméstica com o objetivo de formar futuras “donas de casa exemplares”.

A primeira docente de Economia Doméstica da Escola Técnica de Curitiba foi a professora Maria Amélia Pinto, que elaborou o programa da disciplina e lecionou na instituição de 1946 a 1968⁴. Com relação ao ofício de professora, vale ressaltar que, sobretudo na primeira metade do século XX, afirmava-se que as mulheres apresentavam, por natureza, uma vocação para a maternidade e, conseqüentemente, para o cuidado com as crianças. Desse modo, conforme Louro (1997, p. 376) argumenta, “a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. Para tanto, seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação”. Seja por necessidade financeira ou pelo desejo de exercer um ofício, as mulheres professoras dispunham de uma certa autonomia financeira ao exercerem atividades fora do lar. Contudo, as professoras eram alvo de constante vigilância, uma vez que deveriam ser exemplos de conduta e moral: “ela deveria ser disciplinadora de seus alunos e alunas e, para tanto, precisava ter disciplinado a si mesma. Seus gestos deveriam ser contidos, seu olhar precisaria impor autoridade” (LOURO, 1997, p. 390).

De acordo com os relatos de Maria Amélia⁵, o corpo docente do curso de Corte e Costura era composto por professoras pertencentes a uma classe social mais abastada financeiramente, se comparada com a realidade das famílias das estudantes. Além disso, a maioria das professoras tinha formação primária e secundária em colégios particulares femininos e tradicionais da cidade de Curitiba, o que lhes conferia a legitimação de determinados conhecimentos e uma

⁴ Informações obtidas no setor de Gestão de Recursos Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

⁵ Entrevista concedida pela professora à autora em 17 de dezembro de 2015. No período em que a entrevista foi realizada, Maria Amélia Pinto estava com 98 anos de idade.

hierarquia de poder com relação às alunas. Vale lembrar que, nesse período, vigorava a ideia de afirmar que modos entendidos como civilizados de conduta pessoal e etiqueta social eram características compreendidas como saberes escolares importantes que serviam para “definir regras para o controle e a contenção de sentimentos e sensações e, ao mesmo tempo, investir na formação de sensibilidades recatadas, civilizadas, consideradas indispensáveis como signos de refinamento” (CUNHA, 2005, p. 123). Dessa forma, instituições sociais como a Igreja, a Escola, a Medicina e a Imprensa, por exemplo, estavam preocupadas em instruir e disseminar na sociedade “aspectos ligados à higiene, à moral e à construção de homens e mulheres saudáveis e civilizados(as), base necessária para o fortalecimento do Estado e para a construção de novas sensibilidades que vão se definindo com a urbanização crescente” (CUNHA, 2005, p. 123).

Na Escola Técnica de Curitiba, a disciplina de Economia Doméstica era ofertada durante os quatro anos do curso de Corte e Costura. Sendo assim, no primeiro ano, as alunas estudavam noções básicas de higiene corporal e boas maneiras que iam desde saber lavar e pentear os cabelos adequadamente até regras de etiqueta e comportamento tanto no lar quanto na sociedade. No segundo e terceiro anos, as meninas eram instruídas e capacitadas a realizar tarefas domésticas como organizar e limpar os ambientes e artefatos da casa e fazer lanches mais simples como salgadinhos e outros quitutes. No quarto ano, as estudantes aprendiam a preparar e servir pratos mais elaborados que eram degustados, geralmente, pelo diretor Lauro Wilhelm e por mais algumas autoridades⁶ convidadas por ele.

Na reportagem intitulada “O ensino de Economia Doméstica”, publicada em novembro de 1947 na revista institucional *Labor*, a professora Maria Amélia discorre sobre a importância dos conhecimentos em Economia Doméstica para as mulheres:

⁶ As autoridades convidadas para o lanche eram, geralmente, diretores de empresas, diretores de outras Escolas Técnicas brasileiras e norte-americanas, professores/as e técnicos da Escola Técnica de Curitiba e da Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial (CBAI).

A mulher tem procurado fugir ao papel que lhe foi reservado na vida. Ela procurou ingressar em todos os setores, sempre se distanciando do seu verdadeiro lugar – o lar. Na Administração pública, no magistério, nas profissões liberais e na própria política ela tem tido papel relevante. Entretanto, a maioria, se quisesse confessar, diria que estaria melhor dentro do seu próprio lar. [...] E o que é necessário para bem administrar um lar? Simplesmente conhecimentos de Economia Doméstica, os quais lhe darão qualidades para ser mulher casada e possibilidades para o governo da casa (PINTO, 1947, p. 13).

Segundo a docente, ser uma “dona de casa exemplar” significava ser uma boa administradora e conhecedora das atividades no lar garantindo, com isso, características e “qualidades para ser mulher casada”. Percebemos, por meio das palavras de Maria Amélia, a relevância na articulação das funções sociais de dona de casa e esposa na formação das estudantes. O argumento defendido por Maria Amélia alinhava-se ao que era divulgado nos livros e manuais de economia doméstica que circulavam nesse período no Brasil. No livro intitulado “Minha casa” (1958, p. 43), de Isabel de Almeida Serrano, e utilizado como um manual por muitas donas de casa brasileiras nos anos 1950, a autora ressalta que “ser dona de casa é conhecer todos os recantos da casa, saber minuciosamente tudo quanto nela existe, e o lugar de cada objeto”. Na visão dessa autora, ser uma “boa dona de casa” também significava “providenciar para que a roupa doméstica, e a do marido e dos filhos, estejam sempre em condições de serem usadas; para que as refeições estejam à mesa a hora certa; para que coisa alguma se estrague ou se perca” (SERRANO, 1958, p. 44).

Com o intuito de criar um espaço onde as alunas pudessem praticar os conhecimentos aprendidos, a professora relata que a sala de aula era organizada como se fosse um ambiente doméstico:

A sala era grande, sabe? Eu dividi a entrada da sala com um balcão de lambri, criando uma sala de jantar e uma cozinha, onde as meninas trabalhavam. Na cozinha, elas tinham três fogõezinhos e mesa para trabalhar [...]. Na sala de jantar, eu arrumei a mobília⁷.

Tendo em vista essa narrativa, uma questão pertinente a se observar são os espaços divididos pela professora e quem, geralmente, frequentava tais ambientes. O espaço da cozinha era majoritariamente reservado às mulheres. Já o espaço da sala de jantar era

⁷ Entrevista concedida pela professora Maria Amélia Pinto à autora em 17 de dezembro de 2015.

frequentado tanto pelas alunas e professoras/es quanto pelo diretor e seus/suas convidados/as. No entanto, vale ressaltar que as estudantes transitavam pela sala de jantar apenas para arrumar e decorar a mesa, bem como para servir o diretor e seus/suas convidados/as. Conforme Vânia Carneiro de Carvalho (2008, p. 119) enfatiza, no espaço doméstico burguês do início do século XX, a sala de jantar é considerada “um lugar público, expressão de cultura e civilidade”, onde a “territorialidade masculina” é explicitada e demarcada por meio do dono da casa, que geralmente é o primeiro a introduzir-se nesse espaço, ocupando um lugar de prestígio à mesa. No caso da Escola Técnica, podemos observar na Figura 1, o espaço da sala de jantar idealizado por Maria Amélia e frequentado pelo diretor Lauro Wilhelm e seus/suas convidados/as. Assim como nos lares o chefe da casa ocupava um lugar de destaque sentando-se na ponta da mesa, na Escola Técnica, o diretor, sendo considerado a maior autoridade da instituição, ocupava essa posição. Além disso, torna-se pertinente nos atentarmos para o entorno da sala de jantar: os lambris de madeira escura do lado esquerdo da imagem e a estante aos fundos, fabricada aparentemente de material rústico⁸, nos sugerem o que Carvalho denomina de “categoria masculina” da sala de jantar, constituída por “objetos que concentram sentidos como estabilidade, segurança, força, tradição e respeito” (CARVALHO, 2008, p. 120).

Do lado esquerdo da imagem e atrás do diretor, ainda aparece em pé uma aluna trajando um avental. Após, possivelmente, ter servido os/as convidados/as, a estudante parece observar atentamente a mesa organizada para o almoço e ornamentada com um arranjo florido ao centro. Também podemos observar um *abajour* entre a estudante e a parede de lambris, sinal de que a intenção da professora era criar um espaço que simulasse o sistema doméstico. Dessa forma, a natureza sóbria e prática dos objetos da sala de jantar poderia ser “suavizada”, conforme afirma Carvalho (2008, p. 148), pelo emprego de “coberturas

decorativas, como toalhas e revestimentos removíveis, ou por pequenos objetos arranjados sobre a mesa, por estatuetas em pedestais ou abajures com tecidos pintados ou pinjentes”.

Figura 1: Diretor Lauro Wilhelm e seus convidados sentados à mesa da sala de jantar da sala de Economia Doméstica.



Fonte: Núcleo de Documentação Histórica – NUDHI/UTFPR. Agosto de 1959.

Uma questão que merece ser problematizada diz respeito ao envolvimento exigido das alunas nesses eventos. Mesmo tendo como mote formar futuras “donas de casa exemplares”, o trabalho realizado pelas estudantes, ao preparar e servir refeições ao diretor e seus/as convidados/as, constituía uma prática que extrapolava o contexto pedagógico da relação entre professora e estudantes em sala de aula. Uma vez que tratava-se de uma situação recorrente, nos parece que o diretor fazia uso do trabalho das alunas – de forma não remunerada – como meio de promover o nome da instituição para membros da comunidade externa. Isso também denota um grau mais elevado de exigência quanto ao desempenho esperado das meninas, que uma vez subordinadas à avaliação da autoridade máxima da escola e de pessoas estranhas consideradas importantes, provavelmente vivenciavam situações de tensão e constrangimento. Além disso, podemos inferir que, em função da eficácia desses eventos, a professora também ganhava prestígio entre os dirigentes. Segundo ela mesma afirma, o próprio diretor frequentemente aprovava a aquisição de artefatos domésticos “modernos e requintados” com vistas a incrementar os recursos disponíveis para o desempenho das atividades previstas na disciplina. Ainda segundo a professora

⁸ O termo rústico pode ser associado a rude, simples, grosseiro. Faz referência ao material que não foi lapidado ou polido. A madeira é um dos elementos principais do estilo rústico, com acabamento natural e, geralmente, sem verniz.

Maria Amélia:

Eu tinha o melhor diretor nesse ponto. Ele me ajudava muito. O que eu pedia, era uma ordem para ele, sabe? Eu tinha os pratos de porcelana, as taças de cristal, o talher o melhor possível na época. E também quer dizer que elas tinham o melhor material para poder saber como é que se davam as práticas domésticas⁹.

Ainda sobre a aluna retratada na fotografia, podemos perceber que se trata de uma menina de ascendência oriental.¹⁰ Torna-se pertinente comentar que o curso de Corte e Costura foi organizado para as moças das classes trabalhadoras, o que evidencia e justifica seu caráter profissionalizante. Entretanto, ao que tudo indica, essa formação era “pensada a partir do imaginário dos grupos dominantes. Ali se espera conciliar a artesã habilidosa e a dona de casa econômica e prendada” (LOURO; MEYER, 1993, p. 47). Podemos considerar que o curso era pensado não somente a partir do imaginário das classes dominantes, como também era ministrado por docentes pertencentes a camadas mais abastadas da sociedade brasileira e que, por essa razão, poderiam transmitir conhecimentos e formação “adequada” às estudantes conforme os ditames da época.

Vale ressaltar que, entre as décadas de 1940 e 1950, Curitiba apresentava um contingente populacional predominantemente branco, chegando a mais de 90% da população total. De acordo com a Tabela 1, podemos observar que a população negra contabilizava menos de 2% na década de 1950. No entanto, conforme Octavio Ianni (1962) relata, até meados do século XVIII, com o ciclo de desenvolvimento da mineração, do gado e do mate, a população curitibana era composta por uma quantidade grande de pessoas negras e mestiças, havendo “evidências de que em 1767 os escravos perfaziam uma porcentagem da população total que se aproximava de 50% dos habitantes” (IANNI, 1962, p. 84). Posteriormente, com a chegada dos colonos, que coincide com o período nomeado por esse autor de “desagregação da escravatura regional e nacional”, observa-se um declínio deste grupo e um processo de branqueamento da população¹¹.

Tabela 1 – População de Curitiba por cor/raça (em números absolutos e em porcentagem)

Ano/Cor	Branco	Pretos	Pardos	Amarelos	Caboclos	Indígenas	Sem declaração	Total
1940	130.456 (92,75%)	3.128 (2,22%)	6.779 (4,82%)	210 (0,15%)	–	–	83 (0,06%)	140.656 (100%)
1950	169.031 (93,87%)	3.340 (1,85%)	7.016 (3,90%)	680 (0,38%)	–	–	–	180.067 (100%)

Fonte: IANNI, 1962, p. 120.

⁹ Entrevista concedida à autora em 17 de dezembro de 2015.

¹⁰ No Arquivo Geral da instituição, os documentos pesquisados como matrículas e dados pessoais de ex-alunas não referenciavam a raça ou etnia das estudantes. Segundo relatos de ex-alunas que estudaram na escola entre as décadas de 1940 e 1950, não havia indícios de estudantes negras nesse período. No entanto, conforme as narradoras salientaram, havia uma quantidade significativa de alunas/os de ascendência oriental na Escola Técnica de Curitiba.

¹¹ Ver: IANNI, Octavio. *As metamorfoses do escravo*. São Paulo: Difel, 1962.

Em entrevista realizada com uma ex-aluna do curso de Corte e Costura, ao ser indagada sobre a presença de estudantes negras na Escola Técnica de Curitiba, a ex-discente pondera:

*Não, não! Não tinham negros. E, se tinham, eram poucos. Tá vendo como é que era? Não por preconceito porque eram mais pobres que a gente ainda... Em compensação, japoneses tinha bastante. Na minha turma de Corte e Costura tinha só uma japonesa. Agora, se você fosse para os cursos masculinos de ginásio tinha um monte de japônês. Muito mesmo!*¹³

Na tabela 2, apresentamos o número total de alunas matriculadas no curso de Corte e Costura entre as décadas de 1940, 1950 e 1960. Dessa quantidade, elencamos também a quantidade de estudantes de ascendência oriental matriculadas. Conforme mostra a tabela, o número de estudantes de ascendência oriental na Escola Técnica praticamente quadruplicou em três décadas, passando de 7 para 29 alunas, enquanto o total de alunas nem chegou a triplicar, de 333 para 745.

Tabela 2 – Quantidade total de alunas do curso de Corte e Costura matriculadas nas décadas de 1940, 1950 e 1960 e número de alunas de ascendência oriental

Número de alunas/Década	Década de 1940	Década de 1950	Década de 1960 (até 1965)	Total
Total de alunas matriculadas	333	730	745	1.808
Total de alunas de ascendência oriental	7	20	29	56

Fonte: Elaborado pela autora¹².

Vale comentar que, além de meninas nipo-brasileiras, a instituição contava com uma porcentagem grande de alunas e alunos de ascendência europeia, resultado de um intenso processo migratório na capital paranaense. Maria Ignês de Boni (2011) salienta que os processos de urbanização e industrialização de Curitiba atraíram descendentes das mais diversas origens como alemães, italianos, poloneses, franceses, suíços, ingleses e, sobretudo no século XX, ucranianos, holandeses e japoneses. Corroborando as ideias de Boni (2011), Oliveira (2001, p. 24) explica que “no Paraná, o início do processo de industrialização coincide com a intensificação das políticas migratórias e com o auge do Ciclo da Erva-mate (...). Os imigrantes ajudavam a compor o nascente

mercado de trabalho urbano e industrial”.

Na capital paranaense, o intenso crescimento de imigrantes vindos da Europa fez com que Curitiba ficasse conhecida como uma cidade com características predominantemente europeias. Isto, porque a partir de meados do século XIX, inicia-se em Curitiba um discurso que vincula o seu progresso ao colono europeu. Segundo Pereira (1996, p. 12), “criava-se uma urbe sem problemas, sem mazelas, habitada por um povo ordeiro, saudável e trabalhador, que a construía para seu grande destino de metrópole dos paranaenses”. Além disso, conforme Carvalho (2008, p. 68) argumenta, nesse período “Curitiba aparecia no discurso de seus políticos e intelectuais como cidade cosmopolita, progressista, de hábitos civilizados, afinal, contava com considerável influência europeia (sic) de seus imigrantes”. Essa intensificação da imigração de europeus, além de forjar uma identidade para a cidade e sua população, restringia e invisibilizava a presença da população negra, bem como da comunidade oriental em Curitiba.

¹² Informações obtidas no Arquivo Geral da Instituição. Foram analisados, até o momento, 24 microfimes referentes aos anos de 1943 a 1965. Cada filme comportava cerca de 350 slides. Os filmes ficavam armazenados em caixas dispostas num arquivo. Cada caixa apresentava a denominação “CEFET – Pastas de alunos” e continha as seguintes informações: número do filme e número da sequência de slides.

¹³ Entrevista concedida por Mabel França Balmant à autora em 02 de novembro de 2017. Mabel estudou na Escola Técnica de Curitiba de 1963 a 1966, período no qual estudou Corte e Costura, e de 1967 a 1969, época em que cursou Decorações de Interiores.

Voltando às aulas de Economia Doméstica, conforme relato da professora Maria Amélia, as meninas vestiam dois tipos aventais como uniforme: um para servir a mesa e os/as convidados/as e outro usado durante as aulas práticas de cozinhar, bem como para outras práticas domésticas. O avental utilizado para servir era padronizado e ofertado pela instituição. Já o avental utilizado na cozinha era produzido pelas estudantes durante as aulas de corte e costura e podia ser personalizado de acordo com gostos pessoais (FIGURA 2).

Figura 2: Alunas trajando seus aventais durante uma aula prática na cozinha da instituição.



Fonte: Núcleo de Documentação Histórica – NUDHI/UTFPR. Agosto de 1959.

As tarefas relacionadas ao preparo de alimentos incluíam aulas teóricas e práticas sobre conhecimentos culinários como limpar os alimentos, descascar frutas e legumes, refogar, grelhar, fritar, assar e cozinhar¹⁴. As alunas aprendiam também a preparar conservas, confeccionar receitas e embelezar os pratos elaborados, por meio da chamada “arte culinária”¹⁵. Todos os ensinamentos eram registrados individualmente pelas estudantes no “caderno de receitas” e vistoriados semanalmente pela professora responsável. Segundo o manual “Minha Casa”, de Isabel Serrano (1958, p.

228), “toda dona de casa possui um livro de arte culinária. Mas não basta possui-lo. É indispensável familiarizar-se com êle (sic), consulta-lo e até mesmo anexar páginas em branco para ir anotando as receitas experimentadas com eficiência”. Mais uma vez podemos perceber que os ensinamentos dados às alunas de Economia Doméstica estavam em consonância com os materiais didáticos que circulavam nacionalmente envolvendo conhecimentos em práticas domésticas.

Além do ensino das práticas de cozinhar, as estudantes eram instruídas sobre como decorar, organizar e servir uma mesa de refeição. Também aprendiam regras de etiqueta e boas maneiras à mesa, bem como noções de comportamento e sociabilidade que deveriam ser incorporadas pelas alunas durante sua permanência na Escola, em seus lares e “nas diversas ruas da cidade”¹⁶. Sobre esse assunto, a pesquisadora Guacira Lopes Louro (1998) recorda sua época de estudante ginásial, em meados dos anos 1960, e a importância atribuída ao que representava ser aluna de uma instituição escolar renomada:

De algum modo parecia que cabia a nós, estudantes, carregar o peso daquela instituição. Talvez se esperasse que nós fôssemos, também, uma espécie de estudante “padrão”. Lembro-me de ouvir, sempre, a mensagem de que, vestidas com o uniforme da escola, nós “éramos a escola”! Isso implicava a obrigação de manter um comportamento “adequado”, respeitoso e apropriado, em qualquer lugar, a qualquer momento (LOURO, 1998, p. 19).

Segundo Louro (1998, p. 18), as instituições escolares fazem investimentos ao ensinar “os gestos e os comportamentos adequados e distintivos daquelas instituições”. Logo, os propósitos desses investimentos escolares eram “a produção de um homem e de uma mulher ‘civilizados’”, capazes de viver em coerência e adequação com os ditames da sociedade brasileira da época.

Intercaladas às aulas de preparo de alimentos, havia aulas sobre como realizar o trabalho doméstico tanto no espaço da cozinha quanto em outros espaços da casa. Assim, entre as atividades ensinadas e executadas pelas estudantes estavam: 1) limpar a sala de Economia Doméstica; 2) lavar os esfregões do chão, pisos e azulejos; 3) dicas para lavar os vidros e ladrilhos;

¹⁴ A relação de atividades domésticas ensinadas nas aulas de Economia Doméstica foi obtida por meio de pesquisa realizada nos Diários de Classe, localizados no Arquivo Geral da Instituição. Esses documentos estavam organizados em pastas divididas por ano e mês. Ver em: DIÁRIO DE CLASSE da prática educativa de Economia Doméstica. *Arquivo Geral da Universidade Tecnológica Federal do Paraná*. Curitiba, out. 1959.

¹⁵ Dicas sobre acabamentos dados aos pratos preparados como noções de cor, luz e sombra.

¹⁶ DIÁRIO DE CLASSE da prática educativa de Economia Doméstica. *Arquivo Geral da Universidade Tecnológica Federal do Paraná*. Curitiba, ago. 1959.

4) uso do vassourão e enceradeira; 5) dicas sobre como limpar a geladeira; 6) limpeza e manejo dos fogões; 7) classificação e divisão das roupas da família; 8) lavagem de roupas comuns e especiais como brim, lã e seda; 10) manchas de roupas e sua remoção; 11) dicas para estender e passar roupas¹⁷.

Juntamente com as práticas de trabalho doméstico, as alunas recebiam orientações sobre como manejar, utilizar e conservar eletrodomésticos, tais como o fogão elétrico e a gás, a geladeira, o ferro de passar e a máquina de lavar roupas. Havia também o aprendizado sobre a “classificação, uso, asseio e conservação” dos demais utensílios empregados na cozinha como o uso de panelas, pratos, talheres, vasilhas, entre outras tecnologias do lar¹⁸. De acordo com Elizabeth Bortolaia Silva (1998), o trabalho no lar está especialmente relacionado ao desenvolvimento de relações mais abrangentes na sociedade. A autora explica que a vida no lar é constituída de relações e de trabalho. Porém, segundo Silva, quando nos reportamos ao lar, são principalmente os aspectos afetivos que invocamos. Isso porque no centro do trabalho doméstico encontra-se frequentemente a dona de casa, idealizada como responsável pelo “conforto, saúde e bem-estar de todos os membros do seu domicílio” (SILVA, 1998, p. 23). Levando em consideração tais questões, vale ressaltar que durante as práticas educativas de Economia Doméstica, as alunas também adquiriam noções sobre: 1) puericultura¹⁹ com informações sobre o ambiente do quarto, o banho e a alimentação do/a recém-nascido/a; 2) primeiros socorros no caso de acidentes domésticos, afogamento e “mordeduras de cães, gatos e cabras”; 3)

criação de arranjos de mesa, dicas de decoração e a importância do “papel da mulher no lar”²⁰.

Tendo em vista os conteúdos citados acima, as estudantes recebiam ensinamentos que não se limitavam ao espaço da cozinha e que englobavam também práticas de cuidado com os membros da família, especialmente em relação ao cuidado com os/as filhos/as. Para Louro e Meyer (1993, p. 50), “a ideia de um aprendizado ‘natural’ do trato com bebês e crianças é substituída por regras científicas, por prescrições referentes à alimentação, higiene, vestuário, prevenção de doenças etc., que acabarão por constituir a puericultura”. Serrano (1958, p. 318), em seu livro sobre práticas domésticas, denominava a puericultura como “(...) ciência e arte. As regras e ditames aconselhados derivam da observação e da experiência dos técnicos” (SERRANO, 1958, p. 318). Ainda segundo essa autora, tais ensinamentos oportunizavam uma melhor criação dos/as filhos/as e a manutenção do casamento:

A rotina, a preguiça de estudar ou de aplicar noções aprendidas e logo postas de lado, a falta de instrução e a meia-ciência adquirida na leitura de bulas de remédios e almanaques, constituem verdadeira praga, das mais danosas na criação dos filhos. A mãe (sic) que ficou noiva tem obrigação de seguir um curso de puericultura e sempre continuar aperfeiçoando os seus conhecimentos (SERRANO, 1958, p. 318).

Vale ressaltar que esses aprendizados alinhavam-se aos discursos médico-higienistas que já circulavam na sociedade brasileira do início do século XX. Louro e Meyer (1993, p. 50) explicam que tais discursos inseriam-se num processo de mudanças sociais mais amplas, marcadas “pela urbanização, pela presença dos imigrantes, pelo início da industrialização, além da circulação das ideias positivistas e liberais. É esse contexto que vem justificar a crença na escolarização como fundamental para o avanço e modernização do país”.

Sobre o reconhecimento das habilidades e atitudes das donas de casa como significativas para integrar os currículos escolares, Maria Vitorina Freitas (1948, p. 779) defendia que “conhecendo arte culinária, puericultura, higiene (sic), enfermagem, prendas e serviços domésticos, ao mesmo tempo em que adquire

¹⁷ Idem.

¹⁸ Compreendemos por tecnologias do lar as práticas sociais e os artefatos que contribuem para a realização das atividades domésticas e com os quais as pessoas interagem individual e coletivamente. Ver: PADILHA, Ana Caroline de Bassi. *Tecnologias do lar e pedagogias de gênero: representações da “dona de casa ideal” na revista Casa & Jardim (anos 1950 e 1960)*. 2014. 194 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

¹⁹ Conjunto de noções e técnicas voltadas para o cuidado médico, higiênico, nutricional e psicológico de crianças pequenas.

²⁰ DIÁRIO DE CLASSE da prática educativa de Economia Doméstica. *Arquivo Geral da Universidade Tecnológica Federal do Paraná*. Curitiba, ago. 1959.

um ofício, uma profissão ou se adextra [sic] no campo das letras ou das artes, a mulher se torna mais forte e mais capaz”. Além disso, segundo essa autora, “até bem pouco tempo, os conhecimentos relativos ao lar tinham bases empíricas, resultantes da experiência adquirida através de gerações. Hoje, a ciência lança as suas luzes nesse campo, principalmente na parte de alimentação, difundindo-se os mais modernos preceitos de dietética” (FREITAS, 1948, p. 780). Dessa forma, o aprendizado e a realização das práticas domésticas requeriam conhecimentos técnicos transmitidos, preferencialmente, por profissionais capacitados/as, sendo a instituição escolar o local adequado para ministrar esses ensinamentos.

Por meio das atividades elencadas, pudemos compreender alguns aspectos das dinâmicas que pautavam o ensino das práticas educativas de Economia Doméstica. Ademais, a “escolarização do doméstico” na Escola Técnica de Curitiba tanto refletia quanto afirmava o consenso social sobre a moral e os bons costumes no que concerne às condutas e práticas no lar consideradas “exemplares” para as donas de casa dos anos 1940 e 1950, funcionando como pedagogias de gênero.

Considerações finais

Neste artigo, a ênfase na investigação das práticas domésticas ensinadas às alunas de Economia Doméstica serviu como argumento para refletirmos sobre estratégias de pedagogias de gênero, cujas consequências estão implicadas na constituição de posições de sujeito normativas. Essa construção e reiteração acontecia por meio do reforço de identidades compreendidas como “ideais” e “exemplares” pelos ditames vigentes, pautados em valores de elite, na sociedade brasileira entre os anos 1940 e 1950.

Em meados do século XX, a educação feminina era vista como primordial para o avanço e a modernização do Brasil. Dessa forma, acreditava-se que somente meninas com educação intelectual, profissional, civil, moral e doméstica poderiam ser futuras mães aptas a cuidar, educar e moldar o caráter de seus filhos como “futuros cidadãos”. Logo, os currículos escolares de cursos femininos passam a agregar conhecimentos em

saberes domésticos com o intuito de formar mulheres capazes de administrar seus lares e executar de maneira “correta e eficaz” as práticas domésticas.

Na Escola Técnica de Curitiba, o curso de Corte e Costura foi planejado para meninas advindas das classes trabalhadoras. No entanto, conforme pudemos perceber, quem ministrava os conteúdos eram professoras pertencentes a uma classe social mais abastada, se comparada com a realidade das famílias das estudantes. Essa diferença de poder aquisitivo e social conferia às docentes maior legitimação com relação a determinados conhecimentos, além de uma hierarquia de poder sobre as alunas.

Entre as atividades e ensinamentos ministrados durante as aulas de Economia Doméstica, podemos elencar, especialmente, os seguintes: 1) atividades relacionadas às práticas de cozinhar e servir; 2) regras de etiqueta, conduta e comportamento; 3) aprendizado relacionado a outros trabalhos domésticos como lavar e passar roupas e limpezas em geral; 4) conhecimento sobre as inovações da indústria brasileira relacionadas aos artefatos domésticos, especialmente aos eletrodomésticos; 5) práticas de cuidado da família; 6) aprendizado sobre as funções sociais de mãe e esposa; 7) decoração do lar.

Percebemos que a Escola Técnica procurava, por meio de pedagogias de gênero, delimitar e fixar noções específicas de masculinidades e feminilidades, mostrando-se interessada na construção de corpos e saberes ajustados às normas dominantes. No caso da disciplina de Economia Doméstica, o ensino estava pautado em conhecimentos que valorizavam o saber-fazer doméstico atrelado às funções sociais de mãe, esposa e dona de casa. Além disso, os ensinamentos transmitidos às meninas da Escola Técnica acerca do espaço e afazeres domésticos poderiam ser entendidos como mais modernos, qualificados e adequados que as competências e os conhecimentos transmitidos no ambiente familiar de geração em geração.

Referências

- ARCHANJO, Léa Resende. Ser mulher na década de 50: representações sociais veiculadas em jornais. In: TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; MARTINS, Ana Paula Vosne (Orgs.). *Mulheres na História: Paraná – séculos 19 e 20*. Curitiba: Editora UFPR, 1997. p. 157-172.
- BESSE, Susan. *Modernizando a Desigualdade: Reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: Edusp, 1999.
- BONI, Maria Ignês Mancini de. Imigrações/Migrações em Curitiba: outras histórias. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, jul. 2011.
- CARVALHO, André de Souza. *Curitiba: imagem do planejamento ou planejamento da imagem?* Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, 2008, 99 f.
- CARVALHO, Vânia Carneiro. *Gênero e Artefato: O Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material – São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: Edusp, 2008.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. História, Educação e Civilidades: a correspondência como um saber escolar na Escola Normal entre as décadas de 1930 a 1960. *Educação*. Santa Maria, v. 30, n. 2, p. 121-138, 2005.
- DIÁRIO DE CLASSE da prática educativa de Economia Doméstica. *Arquivo Geral da Universidade Tecnológica Federal do Paraná*. Curitiba, ago. 1959.
- DIÁRIO DE CLASSE da prática educativa de Economia Doméstica. *Arquivo Geral da Universidade Tecnológica Federal do Paraná*. Curitiba, nov. 1959.
- FREITAS, Maria Vitorina. *Artes e ofícios femininos: tecnologia*. São Paulo: Linográfica, 1948.
- LOURO, Guacira Lopes; MEYER, Dagmar. A escolarização do doméstico. A construção de uma Escola Técnica Feminina (1946-1970). *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 87, p. 45-57, nov. 1993.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 371-402.
- LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- MACHADO, Maria Lúcia Bühler. *Racionalidade, Trabalho e “Harmonia Social”*: Configurações do projeto de modernização brasileira e ensino industrial na Escola Técnica de Curitiba (1930-1960). Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010, 412 f.
- MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da Vida Privada no Brasil, 4: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 559-658.
- OLIVEIRA, Dennilson de. *Urbanização e industrialização no Paraná*. Curitiba: SEED, 2001.
- PADILHA, Ana Caroline de Bassi. *Tecnologias do lar e pedagogias de gênero: representações da “dona de casa ideal” na revista Casa & Jardim (anos 1950 e 1960)*. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade). Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014, 194 f.
- PEREIRA, Marco Aurélio Monteiro. A cidade de Curitiba no discurso de viajantes e cronistas do século XIX e início do século XX. *Revista de História Regional*, v. 1, n. 1, 1996, p. 9-40.
- PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. Mulher em Revista. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 469-512.
- PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 607-639.
- PINTO, Maria Amélia. O ensino de Economia Doméstica. *Labor*. Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, ano VIII, n. 19, p. 13, nov. 1947.

QUELUZ, Gilson Leandro. *Concepções de Ensino Técnico na República Velha, 1909-1930*. Curitiba: CEFET/PR, 2002. p. 17-33; 151-182.

RURY, John. Vocationalism for home and work: women's education in the United States, 1880-1930. *History of Education Quarterly*, v. 24, n. 1. New York: Spring 1984.

SERRANO, Isabel de Almeida. *Minha Casa*. Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 1958.

SILVA, Elizabeth Bortolaia. Tecnologia e Vida Doméstica nos Lares. *Cadernos Pagu*, n. 10, p. 21-52, 1998.

SILVA, Tomáz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomáz Tadeu da. *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p. 73-102.

Entrevistas

BALMANT, Mabel França. *Entrevista concedida à Ana Caroline de Bassi Padilha*. Depoimento gravado no dia 01 de novembro de 2017. Curitiba, 2017.

PINTO, Maria Amélia. *Entrevista concedida à Ana Caroline de Bassi Padilha*. Depoimento gravado no dia 17 de dezembro de 2015. Curitiba, 2015.

Imagens fotográficas

DA ESQUERDA para a direita: aluna trajando o avental de práticas de cozinhar e aluna com o avental de servir a mesa. ago. 1959. 2 fotografias redimensionadas, preto e branco, 12 cm x 9 cm. Núcleo de Documentação Histórica – NUDHI/UTFPR.

DIRETOR Lauro Wilhelm e seus convidados sentados à mesa da sala de jantar da sala de Economia Doméstica. ago. 1959. 1 fotografia, preto e branco, 12 cm x 9 cm. Núcleo de Documentação Histórica – NUDHI/UTFPR.